

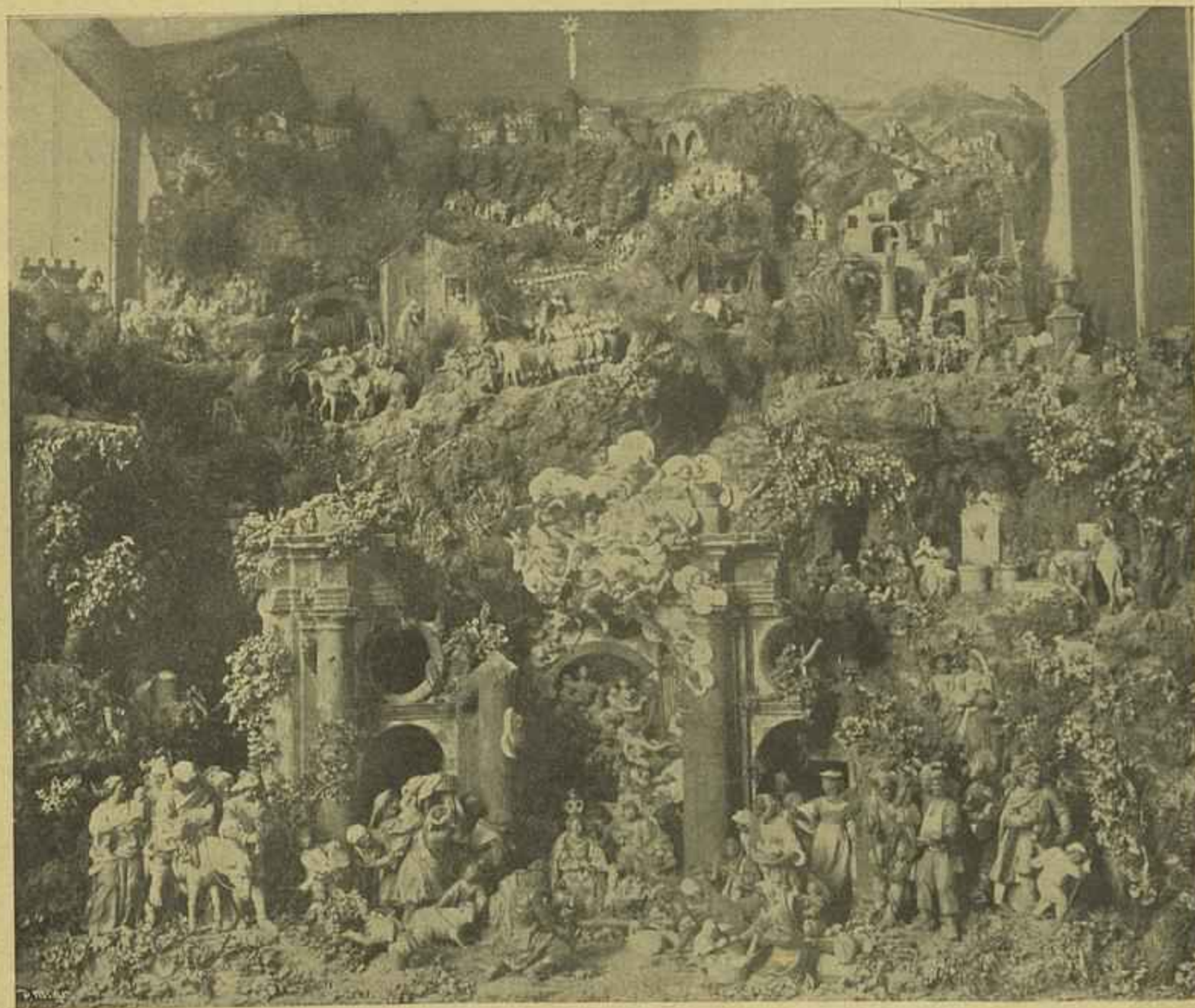
OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º e entrega	30.º Anno — XXX Volume — N.º 1044	Redacção — Atelier de gravura — Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i> Composto e impresso na <i>Typ. do Anuario Commercial</i> <i>Praça dos Restauradores, 27</i>
Portugal (franco de porte) m. forte...	36 n.º	18 n.º	9 n.º	120	30 DE DEZEMBRO DE 1907	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.
Posseções ultramarinas (idem)...	45000	22500	11250	120		
Extrangeiro (união geral dos correios)	50000	25000	12500	120		

O NATAL



O PRESEPIO DA SÉ DE LISBOA

ATRIBUÍDO A MACHADO DE CASTRO

(Cliché Alberto Lima)

Chronica Occidental

Vimos de casa de D. João da Camara a quem uma subita e violenta colica hepatica prostrou no leito, chegando o seu estado a inspirar grandes cuidados. Felizmente o perigo vae passando e anima-nos a esperanza de dentro em breves dias o virmos ocupar o seu logar nestas columnas, onde ha dose annos scintila a sua primorosa prosa e elevado criterio.

Como elle nos falaria agora do Natal, com a suave poesia de sua alma de poeta, enlevada no pequenino infante que veio dar luz ao mundo quando elle á luz do mundo vinha.

E este anno seu nascimento foi celebrado em muitos templos de Lisboa, com a popular missa do Gálo, como ha muito tempo não acontecia, dando-se, porém, a singularidade de, quando tantas egrejas abriam suas portas aos fieis para assistirem ao acto religioso, a Sé, onde sempre elle se realçou, fechou-as, e sabem porquê?

Por não ter gaz!

Bem se vê que não lhe saíram os duzentos contos da grande loteria, que fizeram insonias a muita gente boa a pensar, a planear, a armar castelos por ali além, para a final cahir na cruel realidade da vida, porque a sorte é sempre para os outros, como disse Eduardo Garrido.

Desta vez esses outros foram muitos e ainda bem; os duzentos contos foram repartidos em pequenas fracções e muita gente comeria perú pela primeira vez em sua vida, bem dizendo do meio tostãozinho gasto na cautelinha regeitada por algum galego.

Folgaram os pobres e tiveram mais alegre o Natal. Os ricos não precisavam daquellas migalhas para fazer a meia noite, e pelos modos a loteria não os interessou muito, porque bilhetes de oitenta mil réis chegaram a vender-se por cinquenta. Parece que adivinhavam que desta vez a agua não correria para o mar.

Num carro eléctrico surpreendemos uma conversa entre dois entendidos na materia comentando que a chuva dos ultimos dias e os expedicionarios haviam estragado a loteria.

Se foi essa a causa do retraimento com a jogatina, venha chuva e mais expedicionarios para acabar com o engodo.

E' possivel que as atenções do publico chamadas para o grande acontecimento da semana, se distraissem do jogo, pois que são ainda os expedicionarios que alvoroçam os espiritos por todo o país.

Em Lisboa e pelas provincias tem havido *Te-Deum* e missas em ação de graças pelas vitorias no Cuamato e regresso dos vitoriosos. Nos teatros recitas lhe tem sido oferecidas e varias sociedades tem celebrado sessões em sua honra.

A Associação Commercial do Porto prepara uma sessão solemne para receber o capitão Roçadas e todos os officiaes expedicionarios, que para ali partirão no dia 4 de janeiro; outras e outras festas se vão realisando prometendo não esfriar tão cedo o entusiasmo.

O entusiasmo, porem, não chega para tudo, assim como não chegou para a loteria do Natal, tambem não sobrou para a abertura de S. Carlos, que foi sempre um acontecimento dos invernos em Lisboa.

A época lirica abriu um tanto triste, em consequencia do luto da côrte, e com uma opera que não é das de maior agrado do publico, *Sansão e Dalila* de Saint-Saens, sendo o desempenho confiado a sr.^a Guerrini, tenor Franceschini, baritono Romboli e baixo Rossi, com a orchestra dirigida por Mancinelli.

Guerrini, Franceschini e Romboli conseguiram fazer-se aplaudir, sendo já conhecido da plateia o tenor Franceschini, que esteve aqui ha quatro annos, o qual nada perdeu de sua bella voz que então foi justamente apreciada na mesma opera.

Ao *Sansão* seguiu-se a *Zazá* de Leoncavallo, que pela primeira vez é cantada em Lisboa, sendo a parte da protagonista desempenhada pela sr.^a Emma Cazelli, a cantora preferida pelo maestro, bem como o tenor Perea, que agradaram.

Cantaram-se já as operas *Linda de Chamounix* e *Adriana Lecouvreur*.

Pelo que nos constou, todos apresentaram folha corrida para poderem sentar-se na plateia de S. Carlos, não fosse, enfim, dizer-se que só o dinheiro dá direito a uma cadeira ou camarote no teatro lirico. Ainda houve alguns empenhos mas o sr. Paccini foi inflexivel, e para evitar mystificações annunciou nos jornaes, que os assignantes não eram senhores das suas assignaturas, não as podendo oferecer a ninguem sob pena de perderem o direito ás mesmas. Não sabemos se os bilhetes terão a fotogra-

fia dos seus possuidores como os passes dos eléctricos, mas é possivel que ainda se lhes junte esse brebicacho e mais certidão de vacina, pelo sim pelo não, que isto de S. Carlos agora não é roupa de francezes.

Ainda bem que ha quem nos governe principian-do pelo sr. empresario de S. Carlos, que nos faz lembrar aquelle ourives da prata, que corria os freguezes a sóco quando estes lhe perguntavam se os aneis que vendia eram de prata.

Duzentos mil réis oferece agora, no Coliseu, o lutador japonex Raku a quem conseguir derrubal-o em menos de 15 minutos. A oferta é tantadora para qualquer brutamontes esperto. Aquilo é um momento, e como o ilheu, que tinha um jerico com mais juizo do que o dono, mas não mais força, já muitos valentões e até um homem de forcado se prontificaram a atirar com o Raku de cangalhas, mas afinal nem duzentos réis apanharam dos taes duzentos mil, porque o japonex é invencivel e sustenta bem o prestigio que a sua raça ganhou na ultima guerra.

E' tão velha esta ratoeira dos lutadores de officio a medirem-se com valentões ingenuos, que por velha não deixa de os apanhar sempre com o mesmo arreganho.

E o Coliseu enche-se todas as noites como os teatros se tem enchido desde o D. Amelia, com a *Casa em Ordem* de Pinero, o grande autor inglés descendente de portuguezs, e que teve agora um bello tradutor em Eduardo de Noronha, até aos espectaculos de revistas apimentadas. O Gimnasio tem tido enchentes com o *Pinto Calçado*, comedia engraçadissima de dois novos autores Ernesto Rodrigues e André Brum.

A moda vae pegando dos autores serem aos pares para cada peça, e por este andar ainda esperamos vêr chegar a conta a sete.

A muitas centenas deverão chegar agora os pares do reino com a nova reforma decretada, e se desta vez as discussões não correrem em ordem e serenas com tantas cabeças, ter-se-ha provado, com sobrada rasão a impossibilidade de governar com as camaras abertas, e lá teremos novamente fechado o santuario das leis, que parece estar muito arruinado, pois lêmos agora num jornal, que se pedem obras para as salas, não obstante serem novas.

Aquilo é do mau uso que tem tido.

CAETANO ALBERTO.

UM BERÇO QUE INFLUE NA HISTORIA

Nascer é uma coisa trivialissima, — de todos os dias, de todas as horas, de todos os momentos.

A natureza não enfraquece em dar vida, nem o fenómeno biologico a esgota nunca.

Apesar disto, a trivialidade humilima dum berço pobre, avolumou extraordinariamente no tribunal da Historia, orientando a civilização do mundo! Vamos a vêr o porquê.

Crescêra nas terras da Asia o formidavel ascendente da força e o não menos formidavel agulhão da sensualidade.

A' sombra de teogonias dinasticas homens de audacia escravizaram os seus vencidos, após lutas de cruel corpo a corpo.

Lentamente, porém, alguns principios de filosofia fôram deslizando naquelle meio barbaro e pagão, constituindo primordiaes elementos reagentes e salutar faisca emancipadora.

Como quer que fosse, um dia, consumou se uma especie de unificação politica de que Ciro, o celebre triumphador de Creso, simbolizou a cabeça dirigente.

Em mão dos Persas teve de haver se não só a India, mais tarde famosa por Anquetil Duperson, mas tambem a altiva Babilonia e os seus dominios, de que haviam de dizer os carateres cuneiformes; o esfinjico Ejiro, reservado para tão distinta gloria interpretativa de Champolion; a bella Grecia, cheia de formosas bahias e de deslumbrantes incidencias luminosas!

Entretanto o persa, perdeu-se, engolfado na embriaguez delirante das suas vitorias, e o paz das Termopilas tudo unificou sob o cetro irresistivel de Alexandre.

Já então a aurora da humanidade parecia predisposta a romper nos horisontes em que a voz de Homero ecoára talvez.

O povo de Israel houvera iniciado relações de contacto estranho, e estremava-se realmente na pessoa do seu leislador por um conceito singular. Moisés annunciava um só Deus, poderoso e invencivel, e relatava no Pentateuco acontecimentos

e promessas que em nada similhavam o espetaculo brutal em que Xerxes foi a figura sintetisadora.

A lei de Moisés, portanto, e a palavra de profetas dos hebreus, tinham chegado a passar além dos limites da quasi minuscula Palestina.

Eis a cidade do Tibre que assoma, prestes avulta e logo domina.

Os tugurios primitivos, a que aludiria em répto oratorio a arrebatadora eloquencia de Lacordaire, transformaram-se por fim na condigna moradia dos senhores unicos do mundo conhecido!

Taes senhores ouzaram o incrível e o maximo ridiculo, contrafram todos os vicios e aqueceram todas as paixões, ostentaram impurezas que cumpre calar e atribuiram se divina substancia!

Antes, todavia, de ser atinjida em Roma esta exótica periferia de excessos e de obscenidades, nas palhas duma ignorada manjedoura, teve o berço uma creança do sexo masculino, sem assistencia indiscreta e sem noticiario retumbante.

A creança desenvolveu-se organicamente, desabrochou lhe a intelligencia, a vontade firmou-se convicta e insuperavel, tornou-se homem viril e modelar no escrupulo da sentimentalidade apostolica, e definiu se dum modo categorico em tres versiculos sem par em todo o corpo e sistema do trinario das gerações através dos seculos:

«Eu não vim a destruir a lei e os profetas mas para lhes dar cumprimento;

«Dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros como eu vos amei;

«Ide e ensinae a todas as gentes!»

E o homem que assim dizia, e que mandava dar a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus, selou com o proprio sangue nos braços duma cruz a sua palavra de amor e de paz.

E esta palavra acentuou se no coração dos oprimidos, verificou-se na marcha simultanea das idéas progressivas e das conquistas libertadoras, esplendeu evidenciada com plena generalidade na consciencia dos povos cultos e na letra expressiva dos codigos fundamentaes.

Assim, de causa em causa e de razão em razão, temos patente com clara e magnifica exuberancia de prova o porquê de — Um berço que influe na Historia.

E' o berço do Natal.

D. FRANCISCO DE NORONHA



O Presepio da Sé de Lisboa

Referem velhas cronicas, que foi S. Francisco de Assis, no seculo xii, o autor do primeiro presepio, representação plastica do humilde nascimento de Jesus.

Uma dessas cronicas o refere assim:

«Sabemos pelas cronicas da sua Ordem (a de S. Francisco) que este homem seraphico fez um oratorio no dia de Natal, onde representou o mais natural possivel o Nascimento de Nosso Senhor, depois de ter obtido licença da Santa Sé, com recesso de que, se o não fizesse, fosse condemnada aquella novidade. Escolheu uma pobre e comprida estrebaria, tão comprida e tão injuriada pelo tempo que estava desmantelada, e sem telhado a mais de meio.

«Os arranjos que a sua devoção lhe deparou foram uma engenhosa mistura de papel, palha e musgo. O sitio era alumiado por muitas vélas e lampadas, e as figuras de madeira que representavam o Menino Jesus, a Virgem Maria sua Mãe, e o bemaaventurado S. Joseph, estavam postas ao pé de um jumento e de um boi, que elle mandou vir com palha e feno para sustento dos mesmos animaes. Como esta estrebaria fosse visitada por grande numero de religiosos que allí iam fazer suas orações diante das imagens de madeira, espalhou se pelos arredores a fama da nova devoção e chamou os camponezes das cercanias que foram os primeiros a adorar o verbo incarnado, fazendo a sua homenagem com violas e bandolins...»

Este trecho o encontramos nos *Serões*, transcrito pelo sr. João Barreira de um velho livro provençal.

Se assim é, temos aqui a origem dos presepios, não nos repugnando aceitar que fôra Francisco de Assis quem os inventara, tão devotado ás coisas de Deus elle era.

A devoção pelos presepios encontrou grande incremento na alma popular, sempre amante da poesia, e esta era uma das que mais lhe falava á imaginação e lhe recordava o nascimento do Redemptor, na imagem serafica do Divino Infante.

Pelo mundo cristão se espalharam os presepios e a fantasia popular os foi povoando de figuras de

toda a especie, desde os Reis Magos até aos humildes pastores com seus gados e oferendas, tocadores entoando seus cantares e lóas, camponeses dançando, e todos vêm por montes e vales de Bethelem, guiados pela estrela que os encaminha a onde está o humilde berço de Jesus.

A ingenuidade popular, não quer saber de épocas nem de usos. Enche os presepios de figuras e objectos de todos os tempos até á actualidade, e assim os presepios não são já um fiel quadro do que se passou no estabolo de Bethelem, mas uma miscelânea onde se encontram os maiores anacronismos.

Comtudo, entre os presepios que por toda a parte se improvisam, e que mais retratam os usos de cada povo que os arma, do que a época que pretendem representar, algumas obras de arte se encontram em que muito ha a apreciar.

Entre nós entram no dominio da arte alguns dos presepios attribuidos a Machado de Castro, no seculo xviii, sendo todavia certo que nem todos a que se dá essa origem são daquelle autor, pois que alguns bons barristas como Antonio Ferreira, Barros Laborão, Assis, Manoel Teixeira e quantos mais ignorados por esse país, se entregaram a este ramo da cerâmica artistica, com proficiencia.

Foi até uso retratar em muitas figuras dos presepios personagens da época em trajas biblicos, em pastores e outros, e que assim rendiam sua homenagem ao Rei dos Ceus e da Terra.

Entre tantos presepios, porém, notaveis, destaca-se o da Sé de Lisboa, por sua grandesa e perfeição, sendo com justiça attribuido ao autor da estatua equestre, Machado de Castro, que por si constituiu uma escola barrista policromo, que não desmerece dos barristas italianos e flamengos.

Pela gravura que publicamos deste presepio se póde avaliar do bem modelado das figuras e da belesa da composição do quadro em que essas figuras se movem, sobre o fundo da acidentada paisagem que emoldura o velho estabolo caprichosamente arquitetónico, meio derruido, em que veio á luz o Redemptor da humanidade.



Dr. Rui Barbosa de passagem em Lisboa

De regresso de Haya, onde foi enviado pelo governo dos Estados Unidos do Brasil á conferencia internacional da paz, passou em Lisboa o eminente juriconsulto brasileiro sr. dr. Rui Barbosa.

O illustre diplomata veio a bordo do *Araguaya*, e apenas se demorou em Lisboa algumas horas, seguindo para o Rio de Janeiro a bordo do mesmo vapor. Acompanhavam-o sua esposa e duas filhas e todos desembarcaram na ponte do Arsenal, tendo ido buscar-os a bordo o ministro daquelle republica sr. dr. Alberto Fialho, conselheiro Camêlo Lampreia, representante de Portugal no Brasil, e consul geral brasileiro sr. Manoel da Silva Pontes, drs. Alfredo Torres e Belford Ramos, secretarios da legação, e Alberto de Oliveira, encarregado de negocios de Portugal, em Berne.

A Sociedade de Geografia de Lisboa projetara realisar uma sessão solemne para receber o notavel estadista brasileiro, um dos primeiros ministros da republica, mas um entorse num pé de Madama Rui Barbosa, não permitio demorar a viagem.

O sr. dr. Rui Barbosa apenas fez uma rapida visita de automovel a Cascaes, vindo depois almoçar em casa do sr. dr. Alberto Fialho, almoço intimo a que assistiram as pessoas acima mencionadas, e que terminou ás 2 horas.

Foi depois d'este almoço que o nosso collaborador artistico, sr. Benoliel, fotografou o grupo que reproduzimos em gravura, e que é uma grata recordação das poucas horas que entre nós esteve este illustre filho do Brasil que é uma gloria do seu país.



A FESTA DA ARVORE EM LISBOA

Anima-nos a idéa de que a sociedade portugueza vaç, embora muito vagarosamente e, por vezes, com indícios de lastimavel retrocesso, entrando no caminho das nações modernas, cujo progresso foi esquecido por nós durante alguns seculos.

A verdade é que o assumpto mais palpitante — a instrucção e um pouco tambem a educação tem merecido um certo cuidado por parte de alguns benemeritos patriotas, cujos esforços se dirigem á

extincção do analfabetismo, que ainda hoje põe uma negra mancha no horizonte do nosso porvir.

Para esse fim se fundou ha pouco a Liga Nacional de Instrucção, que tem delegações em um grande numero de localidades do país, em algumas das quaes já se fizeram sentir os beneficos efeitos d'aquella utilissima associação.

Entre as manifestações da sua actividade destaca-se a *feita da arvore*, que pela primeira vez em Portugal se celebrou em 26 de maio ultimo, na villa do Seixal, por iniciativa da delegação da Liga Nacional de Instrucção n'aquella localidade, á frente da qual se encontra o distincto professor sr. Antonio Augusto Louro.

Em 19 do corrente realisou-se na capital a mesma festa, sob o patrocínio da Liga Nacional, e da camara municipal, que por á sua disposição a rua Alexandre Herculano, onde as creanças dos lyceus, asylos, collegios, etc., procederam á plantação de 38 tilias, que serão objecto de futuras recordações saudosas do momento de alegria e de animação em que os plantadores e os seus mestres se confundiram na celebração d'aquella festa, cujos efeitos na educação e no desenvolvimento da humanidade se torna desnecessario apontar.

O sitio não podia ser melhor. O nome de Alexandre Herculano identifica se sobremaneira com a festa da arvore. Ninguém melhor do que elle amou as arvores e a liberdade, o desenvolvimento material do país e as regalias do cidadão.

A placa mandada collocar nos extremos da rua com a seguinte legenda: — *Estas 38 arvores foram plantadas pelas crianças das escolas de Lisboa em 19 de dezembro de 1907* — produzirá no espirito do transeunte uma agradável associação de idéas, em que o nome do solitario de Valle de Lobos fulgirá com todo o esplendor d'aquella altissimo espirito, que na cultura da terra e no convívio dos campos achou lenitivo para a dôr que o torturava.

Seguiu elle o preceito d'aquelle proverbio arabe que diz que quem plantou uma arvore não passou inutilmente sobre a terra.

Antes porém das oliveiras de Valle de Lobos, já esse grande portuguez tinha adubado e tratado essa outra arvore — a liberdade, a cuja sombra nós todos diligenciamos acolher-nos, mas que nós deixa mal cobertos, mercê de imperitos ou talvez de retrogrados podadores que lhe cortam as melhores ramadas.

A arvore, companheira do homem em todos os tempos e por elle venerada, foi tambem respeitada em Portugal, onde ainda hoje se admiram soberbos exemplares, alguns dos quaes tem atravessado seculos e seculos, constituindo verdadeiros marcos milliarios da nossa existencia. A celebre oliveira de Guimarães, coeva da fundação da nossa nacionalidade, os cedros do Bussaco, essa estancia sem rival no mundo, tem resistido ao desabar de muitos seculos.

Houve no Bussaco um frade carmelita, frei João Baptista, que durante os 13 annos que ali permaneceu plantou por suas proprias mãos muitas d'essas arvores que nós hoje admiramos e em cujo tronco colossal o forasteiro lavra, ás furtadélas, as iniciaes do seu nome e o dia em que as visitou, afim de que se perpetue a lembrança da sua passagem.

A plantação das arvores, como festa escolar, servirá tambem para cimentar e perpetuar a amizade que deve existir entre as crianças e seus mestres, concorrendo por outro lado para que entre nós se radique e desenvolva o respeito pelas arvores, que até agora tem sido furiosamente perseguidas nos centros ruraes, em cujas estradas as respectivas camaras se esforçaram por plantar-as, afim não só de aformosear os caminhos e de obter receita, mas principalmente de proporcionar a sombra que n'alguns pontos é muito util e necessaria.

Grande é a missão do professorado primario na educação da nossa infancia, os homens de amanhã, a quem é indispensavel mostrar a vantagem da propagação das arvores, sua acção no clima, no regimen das aguas e do solo, na hygiene, na industria, etc.

E' bom que se saiba que lá fóra, na Allemanha, na Suissa e tambem na França, a arvore é objecto de profundo respeito e que desde ha muito se pensa até em substituir as arvores florestaes por arvores fructíferas, alliando assim o util ao agradável.

No Wurttemberg (Allemanha) está largamente diffundida a pratica da plantação de arvores fructíferas nas estradas. Verdade seja que o povo allemão, por educação e por indole, contribue effizantemente para esse progresso, visto que possui, como nenhum outro povo, o sentimento do respeito pela propriedade, idéa esta que entre nós, infelizmente, está ainda muito obscurecida. Creemos, no entanto, que com perseverante educação

ministrada na escola primaria e com uma larga propaganda feita em todo o país sobre a vantagem das arvores de fructo nas estradas, muito se poderá conseguir do povo dos campos, que não é avesso aos bons ensinamentos, desde que lhes reconheça proveito immediato.

No Wurttemberg, diziamos, o povo respeita as arvores de fructo que as administrações communaes mandam plantar nas estradas, sendo os fructos colhidos pelos respectivos rendeiros, durante maior ou menor numero de annos. O arrematante de uma determinada extensão kilometrica de estrada tem deste modo o maximo interesse em cuidar do tratamento das arvores e zelar pela sua conservação.

No grão-ducado do Luxemburgo, trabalha-se desde 1870 no sentido de substituir os choupos que marginam as estradas por arvores fructíferas: macieiras, pereiras, cerejeiras. N'esse anno plantaram-se 30 arvores de fructo; em 1885 havia já 3:144, e em 1900 contavam-se 12:300. A receita, que, então, era approximadamente de 188.000 réis, subiu, em 1900, a cerca de 9.000\$000 réis.

As melhores plantações occupam o valle do Sauer, perto de Echternach, onde 2:382 macieiras deram um rendimento de 8.000 francos, ou sejam cerca de 600 réis por arvore. Os resultados obtidos teem sido tão animadores que o Estado resolveu substituir as especies florestaes pelas fructíferas em todos os pontos onde isso seja possivel.

Não se registou nenhum roubo de fructos; verdade seja que os cantoneiros receberam ordens para que permittissem aos transeuntes o colher os fructos que quizessem comer *sur place*, com a expressa condição de não maltratarem as arvores.

No ducado de Bade tambem se vêem grandes plantações de arvores de fructo, que não apresentam, todavia, o aspecto sorridente das do Luxemburgo.



MANOEL BORGES GRAINHA

Entre nós já se tentou, com algum resultado, a plantação de oliveiras á beira das estradas. Foi a camara municipal de Belem que deu o exemplo, seguido ha poucos annos pela direcção das obras publicas de Leiria.

Tendo fallado da festa da arvore e da Liga Nacional de Instrucção, iniciadora d'esse certamen, justo é que ponhamos em foco um dos principaes organisadores d'essa utilissima instituição, que trabalha afincadamente para o desenvolvimento intellectual e material do país.

D'entre elles destaca-se pela sua categoria official, pela elevação das suas faculdades intellectuaes, actividade e tenacidade, o sr. Manoel Borges Grainha, um dos mais distinctos professores do lyceu central de Lisboa, que desde o inicio da sua já longa carreira no magisterio tem sempre diligenciado pôr-se a par do professor verdadeiramente moderno, do pedagogo pratico e proficuo. Para isso, o sr. Borges Grainha estuda os livros da especialidade e, o que é mais, faz continuas viagens de estudo pela França, Suissa, Allemanha, Belgica, Italia, etc., visitando e examinando o que de melhor allí existe nos estabelecimentos d'ensino, quer particulares, quer officiaes, voltando depois com essa solida bagagem de conhecimentos, que o illustre professor nos vem apresentar tanto em conferencias largamente concorridas, como em jornaes e em livros, que tem merecido o louvor não só de nacionaes, mas, o que é sobremaneira honroso para o auctor, de muitos professores estrangeiros, conhecedores da lingua de Camões.



M. SILVA PONTES
Consul Geral do Brazil

ALFREDO TORRES
Secretario da Legação
DR. RUI BARBOSA

M.^{lle} BARBOSA

DR. ALBERTO FIALHO
Ministro do Brazil em Lisboa

BELFORD RAMOS
Secretario de Legação

M.^{me} RUI BARBOSA

O DR. RUI BARBOSA DE PASSAGEM EM LISBOA

(Cliché Benoliel)

A crítica mais completa ao seu ultimo livro — *A instrução secundaria de ambos os sexos no estrangeiro e em Portugal* — foi feita pelo professor da Universidade de Lovaina, Alphonse Bayot, que teceu ao auctor os mais calorosos elogios.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



Centenario de José Silvestre Ribeiro

Em 1891, por ocasião da morte de José Silvestre Ribeiro (1), escrevemos largamente acerca da vida deste preclaro cidadão, que combateu denodadamente pela causa liberal com a fé intensa daquelles tempos, em que se acreditava numa ideia e por ella se dava a vida.

Não é, pois, uma biografia de José Silvestre Ribeiro que vamos escrever, mas apenas juntar nossa modesta homenagem á que ora lhe prestam os habitantes da Vila da Praia da Vitória, na commemoração do centenario do nascimento do honrado e glorioso cidadão, que para aquella villa foi um benemerito, como em tudo o foi para o seu país.

Muito tem a patria a orgulhar-se por este seu filho que tanto a honrou, quer combatendo valorosamente nas campanhas da liberdade, quer desempenhando honrada e honrosamente altos cargos da ma-



CREANÇAS DOS COLÉGIOS DE LISBOA PLANTANDO ARVORES NA RUA ALEXANDRE HERCULANO
A FESTA DA ARVORE

(Cliché Benoliel)

(1) Vid. Occidente, vol. XIV, pags. 66, 76, 87 e 110.

Centenario de José Silvestre Ribeiro



CONSELHEIRO JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO



MONUMENTO A JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO

gistratura, quer devotando-se à causa da instrução, estudando as instituições de ensino em Portugal, de que nos deixou a sua *Historia dos estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos de Portugal nos successivos reinados da monarchia*, pugnando e trabalhando com entusiasmo pelo desenvolvimento e aperfeiçoamento da escola como centro de luz a iluminar as gerações.

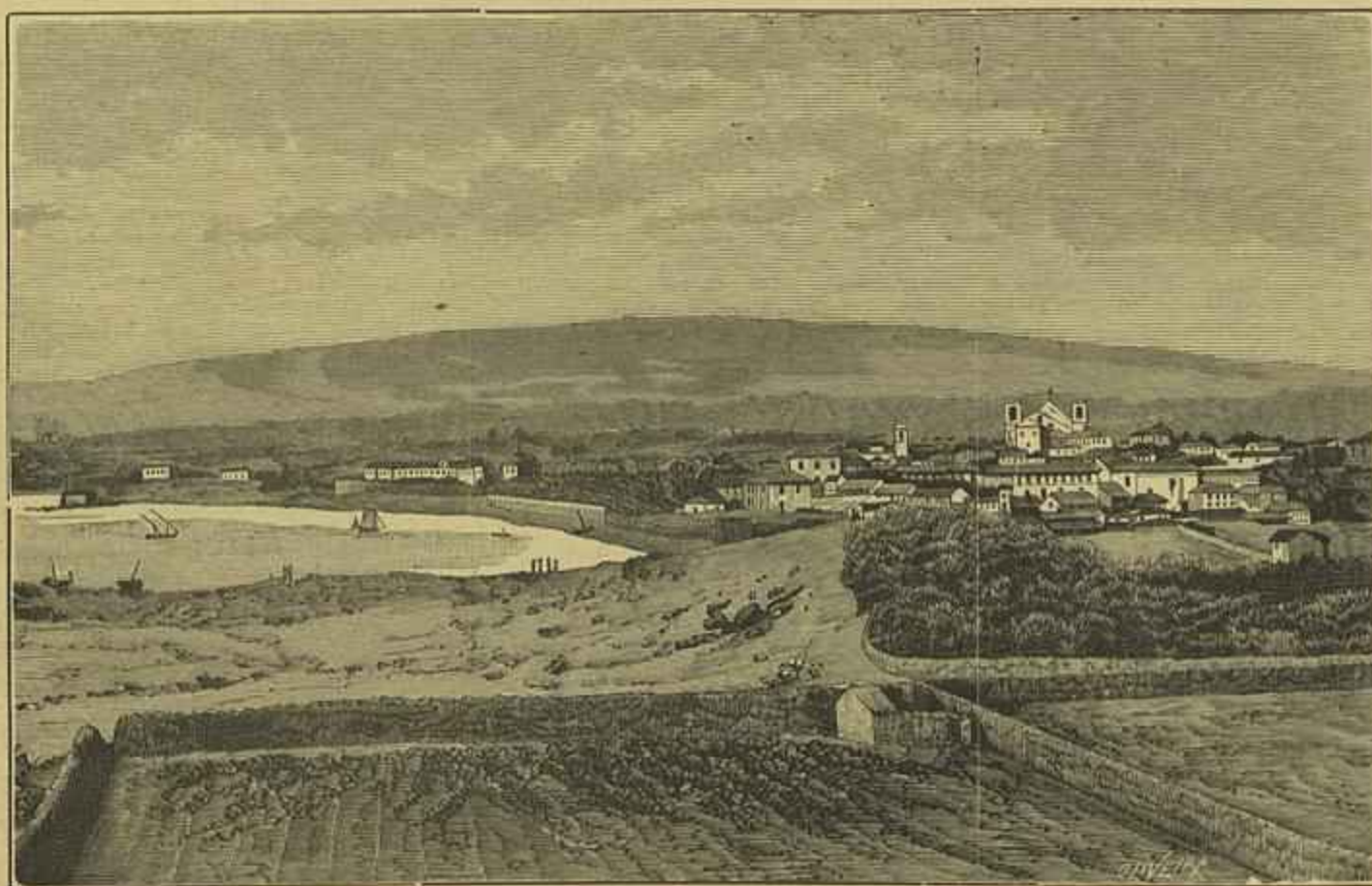
Se nestes diversos campos elle afirmou seu valor, sua lucida intelligencia, sua dedicação e amor à causa publica, um facto se destaca em sua vida,

que sobreleva a todos pela inergia e alto criterio, a par de grande sentimento humanitario, qual foi o de levantar uma vila das ruínas de um terremoto.

Era José Silvestre Ribeiro administrador geral da Ilha Terceira (nome que se deu por aquelle tempo aos governadores civis), quando, a 15 de junho de 1841, um terremoto destruiu grande parte da vila da Praia da Vitória, a vila de S. Sebastião, Fonte do Bastardo, Fontinhas, Lages, Agualva, Cabo da Praia e vila Nova. A vila da Praia da

Vitória foi a que mais soffreu, pois ficaram quas totalmente arrasados 562 fogos que comprehendia e sem guarida 3.000 habitantes. Como consequencia da catastrophe veio a fome completar o angustioso quadro.

No meio de tão grande calamidade, José Silvestre Ribeiro não perdeu a serenidade de animo e antes revelou as suas grandes qualidades de magistrado superior, desenvolvendo toda a actividade e inergia necessarias para acudir, tão de pronto quanto possivel, a remediar o mal.



VILA DA PRAIA DA VITÓRIA REEDIFICADA POR JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO

Acudio com providencias urgentes á fome do povo, em quanto mandava construir barracas onde se recolhesem os que sem casa haviam ficado. Ao mesmo tempo procurou obter donativos de muitos particulares e de corporações, solicitando-os até do estrangeiro, com que reuniu a soma de réis 77:692\$657.

Deste modo conseguiu em breve tempo levantar das ruínas uma vila, que melhor ficou do que a antiga e adequar o direito á gratidão daquelle povo, que, como se vê, não esqueceu o beneficio recebido.

De facto, os habitantes da vila da Praia da Vitória, não tardaram muito a dar publico testemunho de sua gratidão a José Silvestre Ribeiro, levantando-lhe um monumento na vila, o qual foi inaugurado em 31 de dezembro de 1879, no anniversario do nascimento do grande liberal.

Teve assim José Silvestre Ribeiro a rara satisfação de ver erigirem-lhe um momento em vida e a não menos rara consolação de vêr justamente apreciados pelo povo os beneficios que, com tanto trabalho e sacrificio, para esse povo havia alcançado.



VITORINO GOMES DA SILVA

Mas a dívida de gratidão ainda os praienses a não consideravam saldada e assim, chegando o dia 31 de dezembro de 1907, centenario do nascimento do seu grande benefactor, quizeram celebrar-o com festas publicas, para o que se formou uma comissão composta dos srs.: Vitorino Gomes da Silva, João Damasceno Brito Rocha, João Baptista Machado Azera, Filipe Auguste Azera, Armando Augusto dos Santos, José Maria de Brito e Antonio Jacinto de Azera. A iniciativa desta comissão partiu do sr. Vitorino Gomes da Silva presidente da mesma, e que pôz toda a sua boa vontade e valimento ao serviço desta causa.

O dia de amanhan será, pois, um dia festivo na Vila da Praia da Vitória. Na igreja matriz será cantada missa commemorativa com a assistência de todas as autoridades civis e militares, camaras municipaes, escolas do distrito etc. Depois da missa organizar-se-ha um cortejo civico até ao monumento do benemerito cidadão, e ali serão pronunciados discursos recordando os altos serviços prestados pelo restaurador da vila e caudilho da liberdade. Commemorando o centenario será inaugurada uma biblioteca municipal. A noite haverá iluminações publicas, etc.

Assim pagam os praienses o muito que devem á memoria do conselheiro José Silvestre Ribeiro, que sem ser um seu conterraneo, pois nasceu na vila de Idanha a Nova, na provincia da Beira Baixa, o povo da Praia da Vitória lhe quer como se elle ali houvera nascido, e justo é esse sentimento, porque mais não lhe poderia fazer se naquella terra elle tivera seu berço.

C. A.

NATAL BEIRÃO

(EPISODIO)

— Está um taró!!!...
— Mas tambem vir por ahí fóra a estas horas!...

Este curtissimo diálogo foi ás 11 e tanto da noite na residencia do sr. João das Eiras, o mais abas-

tado proprietario da freguezia de... o qual sr. João tinha casa apalaçada, e duas encantadoras filhas, a Guida e a Mar'quitas, e muitissima veneração e amisade ao sr. abbade. Interlocutores o sr. abbade e o dono da casa.

O velho abbade sentou-se na grande cadeira de espadar.

A fogueira crepitava brilhante.

— Como se está bem aqui!

O lume, o calor, é a vida dos velhitos...

E ha por ahí alguns que mal teem uns trapitos!... O João da Fraga e a mulher — coitados! — morreu lhes ha quatro dias o filho, que era quem lhes ganhava algum bocadito de pão!...

Ella é da minha idade; elle, cuido que tem mais meia duzia d'annos bem puchada!...

.....
Como cheira bem a canja!

Pois é como lhes digo!

Ha por ahí fome e frio! — tanta fome, e tanto frio, e a gente está aqui a regalar-se!...

Eu mandei quanto podia; mas, mesmo assim, ainda por ahí ha fome e frio que é um por demais!

O anno tem sido tão mau!...

Assim disse o velho abbade — o nosso santo abbade — como emphatica e orgulhadamente lhe chamava a freguezia.

N'isto, um alegre tocar de sinos... e o abbade:

— Vou para a igreja que são horas. Lá os espero.

— E cá estará a canja á espera do sr. abbade, e de todos, na forma do costume: — disse a dona da casa.

— Pois sim, filhos. Mas ha por ahí muita fome!

— mesmo muita fome! e muito frio tambem! — E o abbade safu direitinho á igreja, ali mui cerca.

.....
Missa do Gallo!

Quem é o beirão que não recorda saudosissimo esta noite de tanta coisa cordealissima?!

Depois da missa juntaram-se na sacristia quasi todos os interlocutores da predicta scena; e o abbade, depois de dar umas ordens ao sacristão:

— Vamos lá ao caldo de gallinha!

Partiram.

Na lareira do sr. João das Eiras a fogueira, mais crepitante e viva ainda, avelludava o ar.

Estava-se bem ali.

— Tanta fome! tanto frio! — resmungava o abbade indo sentar-se na precitada poltrona, emquanto a Mar'quitas e a Guida levantavam da lareira o fumegante panellão, cujos olôres annunciavam uma canja deveras beirã.

— Acenderam o fogão da casa de jantar? — disse o sr. João das Eiras.

— Está acceso ha muito tempo, meu pae; e já estão na sala os convidados todos. Só se espera por o sr. abbade, e por senhor nosso pae.

— Pois então, abbade, se lhe parece, seguimos a Guida.

Foram.

Ao entrar na sala, o abbade:

— Olha! Olha! Cá estão elles! Cá estão os meus...

E não poude mais!

O nó das alegrias que arrazam d'agua os olhos, atou-lhe a fala na garganta! Seguidamente, as lagrimas em fio pelo rosto abaixo punham-lhe um tom celeste na phisionomia santa.

Depois principiou a rir, a rir, a rir, como uma creança... e disse:

— Ora este João!...

O' homem! você é um santo!

— Não fui, abbade; foi a patrão. Emquanto fomos para a missa, mandou ella buscar lá arriba os dois, e pespeçou-os aqui, á mesa...

— O' minha santa senhora! — exclamou o abbade, e foi direito á dona da casa: — Dê-me cá a sua mão!

E bom velhinho — o nosso santo abbade — cobriu de lagrimas e de beijos aquella mão abençoada...

.....
O João da Fraga e a companheira, embasbacados, mas muito bem repimpados nos dois logares lateraes da cabeceira da mesa — porque o do centro, o logar d'honra, era sempre para o sr. abbade!

.....
Natal da minha Beira!...

— Se eu te verei ainda!

Que nunca te vi por cá!...

A' ex.^{ma} sr.^a D. Joanninha offereço o seu velho servo

FREI ANTONIO.

CONTO DO NATAL

(PARA AS CRIANÇAS)

A minha irmã Herminia

Foi isto nos bons tempos em que nasceu o filosofo da Bondade — o candido amigo das creanças, o meigo nazareno Jesus.

Já havia maldade, como sempre ha de haver, mas tambem já havia castigos para os que a fizessem.

Apesar d'isso havia muito quem praticasse o Bem, quem amasse a Virtude; sempre era melhor — um premio do que um castigo.

A consciencia só está satisfeita quando praticamos o Bem; e ter a satisfação da consciencia é já um grande premio.

Vamos agora á historia.

Quando os Reis Magos voltaram de Belem, onde tinham ido ver o prometido das profecias recém-nascido, tiveram uma idéa sublime: recomendar as boas creanças.

O sol daquelle dia de inverno, de um rubor de febre, sanguineo e ardente, punha uns reverberos de prata limpa nas longas barbas dos três piedosos romeiros.

Caía a tarde, na fria placidez de quem se deita, na duvida de acordar feliz ou no seio d'uma nevoenta magua.

A natureza parecia morrer tambem, compartilhando aquella agonia do sol, sem uma lagrima, sem um trilo de ave.

Até os Reis Magos, apressando-se para alcançar o proximo povoado, pareciam temerosos fugitivos que presentem uma derrocada eminente. Bastante triste, apesar de iluminada aquella tarde. Noite cerrada. Lá em cima, no azul sem nuvens mas sem transparencia, as estrelas friorentas, entolhidas, como velhinhas sem lar nem alegria, olham tristonhas a natureza morta, e parecem entoar-lhe um magoado *de profundis* sobre o mau-soleu.

Os Reis, todavia, feitas as abluções e comido o repasto da noite, estavam alegres e não sabiam o que haviam de fazer e dizer para dar expansão a essa alegria intima que lhes dava aos rostos um ar de rejuvenescimento.

Dizia o mais velho dos três:

— Para eterna lembrança deste natal famoso, seria bom que em todos os anniversarios dêssemos um bonito premio ao pequerrucho mais obediente e mais amigo de seus paes, dos livros e dos pobresinhos.

— Bem está, disse outro, n'um gesto de pleno assentimento. O que vós quizerdes será a minha vontade. Isso agrada-me.

(Naquelle tempo era tu cá e tu lá como pessoas que bem se querem.)

— Penso do mesmo modo, — diz o terceiro —, acho bom e justo premiar a Virtude, mas tenho uma reflexão a fazer.

— Venha de lá essa reflexão, meu velho, — disseram os companheiros, muito respeitadores da opinião alheia e capazes de a aceitarem sendo boa.

— Parece-me que não deve haver um só premio, porque muitas e muitas creanças ha que fazem todas as diligencias para serem obedientes e boas. Em verdade, uma haverá, talvez, superior a todas; mas estas tambem merecem, porque fazem o que podem e quem faz o que pode não é a mais obrigado. Proponho, pois, que sejam premiadas todas as creanças obedientes e boas, e em especial as que forem muito amigas de estudar e condoidas da miseria que os pobresinhos passam e das mães que não teem com que alimentar os filhos.

— Peço a palavra, disse o mais velho sorrindo e aprovando.

— Pódes falar.

.....
(Já então se pedia a palavra para não dizer nada.)

Mas estavam entendidos.

.....
Desde então, ás creanças que os merecem, costumam aparecer de surpresa, no dia de Natal, premios de alto valor, coisas lindissimas que são um encanto.

São os Reis Magos, que em memoria do Natal de Cristo veem pelas sombras da noite trazer-lhos.

JOSÉ BOAVIDA PORTUGAL.

Victoria das armas portuguezas contra os Cuamatas

Lisboa em festa

Existe no mais fundo, no mais intimo recesso da alma portugueza, como que constituindo a essencia de sua idiosyncrasia, um fervoroso e radioso culto, um irresistivel e invencivel amor pela patria, e ainda quando todos os outros sentimentos que alentam ou estremecem o coração hajam sobrado, ou em muito diminuido de intensidade em peitos portuguezes, o de incondicional e firmemente dedicacão e consagração pelo torrão natal jámais se apaga n'elles, embora por vezes pareça dormir sopitado por causas e motivos atropiadores dos brios, das aspirações, da liberdade e actividade, do bemestar, n'uma palavra, do povo portuguez, pois que accorda exaltado e entusiastico, ardente e vibrante logo que uma commoção forte o suggere, aquece, abala e desperta, e expande-se caudaloso e avassalador em plena evidencia.

Tal é o que tem succedido sempre e des tempos em terras de Portugal, e se necessario fóra adduzir exemplos testemunhadores da affirmativa por sobejos para isso os ha, estando a difficuldade apenas em sua selecção.

Não o é, porém, e a bem o mostrar e atestar bastam os ultimos successos de Lisboa, mais ou menos repercutidos em todo o paiz, suscitados pelas recentes victorias dos expedicionarios portuguezes em Africa, nas feridas e sangrentas refregas com os Cuamatas, especialmente a pêlo e proposito do desembarque no Tejo d'esses denodados e destemidos paladinos, e campeadores sob o glorioso commando do capitão Roçadas, do bom nome, do prestigio e do dominio portuguez em terras do ultramar.

Já quando revoaram pelo paiz, trazidas pelo telegrapho, as primeiras e as subsequentes noticias das victorias alcançadas com inexcusable valôr e brilho, se sentiu pulsar a alma portugueza por elle além, mas não tanto e no crescido, unanime e rumoroso diapasão que bem pedia e bem justificava a heroicidade das façanhas ousadas e realizadas, pois apenas, aqui e além, dispersos, se evolaram vivas e entoaram canticos exaltando-as e palmeando-as.

E' que, embora o amor da patria e o nobre e exaltado regosijo pelas novas palmas e flores acrescentadas á sua corôa de glorias, estuassem candelentes no imo do peito de todos os portuguezes sem differença de crenças, de classes, nem de posição, a abafar-lhe e conter-lhe a expansão havia o malestar que dès tempos tanto e tão fundamente se tem feito sentir no viver interno do nosso paiz e mais ou menos comprime os latejos e pulsações de seu notar, trasendo acabrunhada no presente e apprehensiva e temerosa pelo futuro a alma portugueza.

E das terras portuguezas a que menos, ao parecer, se mostrou entusiasmada com a noticia tão impressiva do levantamento de novos e immortales padões de gloria para Portugal nos palmares d'Africa, foi por certo Lisboa, não obstante ser o centro vital e intellectual do paiz.

Soubese, porém, que no dia 12 do corrente dezembro desembarcariam no Tejo os heroicos expedicionarios, e, chegado esse dia, com cedo a população em peso de Lisboa accorre em compactas moles para as proximidades do Arsenal de Marinha, e para as ruas por onde deveria desfilar o cortejo triumphal dos valentes paladinos, e pejudas ficam todas, muito antes da hora aprasada, de gente alvoroçada não só por uma justa curiosidade mas, mais do que isso, pelo nobre e intimo prazer de poder vêr e saudar de perto quem tão alto acabava de levantar o nome de Portugal.

Mas n'esse empenho, aliás bem patente, cousa alguma denunciava aos olhos que a breve trecho romperiam de quasi todos os labios, estuantes de vehemencia e fervido entusiasmo, vibranteis saudações e vivas estridentes em honra dos recém-chegados e que de mistura com elles muitos, muitissimos olhos se humedeceriam com lagrimas da mais sentida commoção e da mais irresistivel admiracão e praser.

Pois foi o que succedeu não desde todo o começo do desfile do cortejo e em quanto este constituido pela guarnição, e suas bandas de musica, da capital, que durante todo esse tempo o povo se conservou em ordem, frio e silencioso, deixando aberta e ampla a passagem entre suas filas, mas sim e desde que avistado o primeiro expedicionario, que então, como se movida por poderosissima mola occulta, ou impulsionada por inesperado e fortissimo choque electrico, toda a enorme massa, rompendo as fileiras, saltou correndo para o pavimento das ruas e ahi, fraternizando com os expedicionarios, tateando-os e abraçando-os, os ova-

cionou com o mais caloroso e indescrivel fervor.

O gelo que comprimia os corações e se traduzia nos rostos pela mais algida friesa, não foi bastante a comprimir então, como succede com os poderosos vulcões da proximidade dos polos, o fogo interior que a vista dos vencedores do Cuamato Grande n'aquelles avivou e explodiu, e rompeu tanto mais vivo e candente quanto mais recalcado e reprimido havia sido.

Das tantissimas ovações que seguidamente têm acompanhado esta primeira, traduzidas por mil diversos modos, fulgurantes sempre do meio do mais intimo e ardente applauso, nenhuma por certo mais vehemente e mais vibrante e que melhor e mais fundamente calasse no animo e no coração dos destemidos expedicionarios, do que essa com que elles foram acolhidos ao pôrem pé na patria amada e tal que creio bem que entre todas e sobre todas perdurará ella em sua memoria, de que impossivel será apagar-se jámais a grattissima lembrança das flores com que lhes foi juncado o triumphal caminho, dos milhares de lenços com que as gentis damas da sua terra lhes acenaram immarcessiveis louvores, das lagrimas que em innumerados olhos viram ou correndo ou a custo represadas, dos vivas esforçados e unisonos com que consagrada sua victoria.

Não me propondo, em largos e apagados traços que fosse, a resenha dos innumerados e successivos festejos que acabam, na capital e nas provincias, de dar o mais incontrastavel e eloquente testemunho de vibratibilidade da alma portugueza á suggestão do amor da patria e dos benemeritos que o sagram, festejos que promettem prolongar-se ainda por largo espaço, não posso, não obstante, furtarme ao vehemente e imperioso desejo de deixar aqui registado que a destacar-se d'elles todos e a bem emparelhar com o que motivaram esta singella noticia, ha, para mim, a primorosa e, sobretudo, patriótica oração gratulatoria proferida pelo ex.^{mo} sr. D. Antonio Barroso, o preclaro bispo do Porto, por occasião do *Te-Deum* celebrado no venerando templo dos Jeronimos, na tarde de 13 do corrente. E' que soube e pôde o distintissimo orador, em quem palpita coração de portuguez de lei, encendido no mais estuante e virtual amor patrio, elle, o antigo e incansado e crente missionario da Africa, bem e a fundo e preceito auscultar a alma portugueza, e traduzir em seu discurso todos os estos de entusiasmo e fervor civico que n'ella acordaram e accenderam e inflamaram as recentes victorias n'essa adusta parte do mundo, theatro de muitos dos mais gloriosos feitos das armas e da civilisação portuguezas. E quem melhor, ou tão bem, do e como elle o fez, elle que, por largos annos, os melhores de sua mocidade, palmilhou os sertões da Africa portugueza, doutrinando seus rudes habitantes no amor a Portugal, catequisando-os na sublime religião de Christo, desbravando-os assim para a civilisação, por entre mil fadigosos trabalhos de todos os dias, poderia medir, comprehender e trasladar para seu discurso a valentia, o denodo, acrescidos pela mais ardente dedicacão civica e patria, que foram precisas aos intrepidos companheiros d'armas do valente e ousado capitão Roçadas para commetterem e realisarem os memoraveis feitos!...

Lisboa, 20 de dezembro de 1907.

RODRIGO VELLOSO.

O NOSSO SUPLEMENTO

PANORAMA DE LISBOA,
VISTA TIRADA DO CASTELO DE ALMADA

Em 1882 publicou o OCCIDENTE uma vista panoramica de Lisboa antes do terremoto de 1755; extrahida de uma velha estampa do tempo, muito curiosa como documento historico do que era então a celebrada rainha do Tejo.

Era a cidade menos da sexta parte do que é hoje, pois não chegava a mais da antiga Ribeira Velha, ou Portas do Mar por onde ainda pára a Casa dos Bicos, que se diz ter pertencido a Afonso de Albuquerque, vindo até ao monte de Santa Catarina, já então partido em dois por um terremoto succedido em 21 de julho de 1597 ás 11 horas da noite, de que resultou a distincção de Alto das Chagas, por ali estar a egreja deste nome, capéla privilegiada dos maritimos, e o Alto de Santa Catarina onde demorava a egreja parochial desta invocação.

Esse panorama que não chega a abranger na estampa meio metro de extenção é ainda hoje muito apreciado, repetimos, como curiosidade historica, porquanto a semelhança com a Lisboa de

hoje poucos pontos de referencia se lhe encontram, tanto mais se o comparar mos com uma fotografia moderna.

Difficil nos foi alcançar essa fotografia para a reproduzir na gravura que hoje temos o prazer de oferecer aos assignantes do OCCIDENTE, em brinde de fim de anno.

Para isto nos valeu o nosso colaborador artistico sr. Alberto Lima que, com uma magnifica lente da sua máquina fotografica e muita pericia conseguiu tirar a fotografia á distancia de toda a largura do Tejo em frente do Castelo de Almada, abrangendo a vista panoramica de Lisboa desde a Tapada e Observatorio da Ajuda até ao extremo em que esta volta em ligeira curva pouco adiante da Alfandega.

A extenção do panorama na estampa mede 95 centimetros e é o primeiro que se faz desta dimensão, sendo impraticavel fazel-o em maior tamanho por motivo de difficuldades técnicas que seria fastidioso inumerar, sendo já suficientes as que foi mister vencer para chegar ao resultado que apresentamos.

Se maior podesse ser, mais facilmente se distinguiriam á primeira vista muitos edificios que poeiam a extensa faixa de terra por seus sete montes e vales, mas ainda assim muitos são apreciaveis e vão numerados com respectiva referencia, dando o conjunto perfeita e verdadeira ideia do que é esta encantadora Lisboa, cuja fama se perde na escuridão dos tempos como sua fundação vae até á fabula.

Os galos-celtas, os fenicios, os cartaginezes a ocuparam. Foi querida dos romanos e arabes, e teve a-honra de ser a primeira cidade da Lusitania a que foi dado o direito de municipio, sendo seus abitantes considerados cidadãos romanos.

Lisboa entrou na monarchia portugueza em 1147 conquistada aos moiros por D. Afonso Henriques, no que foi auxiliado por uma esquadra de crusados, na sua maioria composta de ingleses.

De então até hoje por quantas vicissitudes ella passou, com guerras, flagellos de pestes e terremotos até ao de 1755 que foi dos maiores, succedendo-se outros, como o de 1857 de menor importancia, parecendo que este solo vulcanico, que por tantos seculos se abriu em lavas igneis, terá derivado suas valvulas explosivas para outros pontos da terra.

Lisboa levantada da ruina do terremoto de 1755 pelo marquês de Pombal, tem ido sempre em crescimento até nossos dias. O grande ministro de D. José I tinha o plano de a estender até Cascaes, mas por emquanto só chega até Algés, o que não quer dizer que para fóra das atuais barreiras ella não se vá alargando em edificações e aformoseamentos, como cidade nova, que leva a palma á Lisboa de ha cincoenta annos.

A medida que o tempo corre maior é a actividade que desenvolve para se engradecer com belas edificações modernas e comodidades para seus abitantes.

Com quantos mais melhoramentos a dotarem mais lhe realçarão as belezas naturaes, em que a amenidade de seu clima tanto a recomenda.

A Lisboa está reservado grande futuro, não muito remoto, como a primeira cidade caes da Europa, para o que concorre a sua situação geografica; por isso todos os trabalhos e sacrificios que ella exige ainda para tomar seu devido logar entre as grandes capitales do mundo civilizado, ella os compensará largamente.

Carreando a nossa pedrinha para a patriótica propaganda que se está fazendo em favor desta capital, cumprimos um dever que nos é em extremo agradavel e só nos pesa ser de tão insignificante valia o serviço que prestamos.

PORTUGAL E AFRICA

E' hoje frase corrente dita e repetida até em actos officiaes de que «o futuro de Portugal está na Africa».

Chegar a esta conclusão depois de uns cinco a seis seculos bem puchados, achamos extraordinario, e mais extraordinario ainda, decorrido que é tão remoto passado, pensar-se apenas no futuro, sem cuidar do presente.

O *amanhar* portuguez prevalece.

Pois bem; deitêmos nossas vistas para o futuro. Imaginemo-nos na infancia da vida, quando o mundo é risonha esperança tão alegre e feliz como aquella creança, que o quadro representa, abraçando o seu amiguinho africano.

E' uma graciosa alegoria de Portugal e Africa simbolizados nas duas figuras, em que a primeira

acolhe em seus braços a segunda, que docemente se deixa enlaçar.

Ahi está o futuro, e adeus tempo perdido.

Comecemos agora como as duas creanças dos quadros.

Portugal viverá para a Africa como a Africa viverá para Portugal. Ali levará este seus costumes como os progressos da vida moderna e com estas armas dominará mais seguro do que com o ferro e fogo.

Educar deve ser sua missão, e verá como o africano será docil e trabalhará com vontade vendo que seu trabalho lhe aproveita.

Aquelle retinto e luzidio caixo de uvas da alegoria, é suggestivo. O africano bebe como, afinal, todos bebem. O alcool, que o arruina e embrutese, é seu beber preferido. Será este o primeiro erro a combater.

Não sabem os nossos lavradores onde vender o vinho que lhe trasborda das adéguas, pois inundem a Africa com elle, e verão como o africano se rende ao licôr de Noé e abandona o alcool que o mata.

Como presente de boas festas, parece nos magnifica a ideia, e quando em todo o continente negro, do norte ao sul, se beber do puro Cartaxo ou Torrealto á saúde do branco, esgotar se-ham as adeguas de Portugal encanadas para a Africa, ficando livre o plantio das vinhas.



CURIOSIDADES

Apenas sete universidades admitem na Alemanha, as mulheres aos graús academicos: as de Fribourg, Heidelberg Tubingen, Munich, Wurtzbourg, Eslangen e Leipzig. No ultimo semestre, o numero de estudantes inscriptos em cada uma, foram os seguintes:

90 mulheres em	Munich
58	"	Heidelberg
49	"	Fribourg
33	"	Leipzig
15	"	Wurtzbourg
7	"	Tubingen
4	"	Eslangen

Sendo 116, destinadas á faculdade de medicina, e 4, á proffissão de dentistas.



PORTUGAL E AFRICA



Recebemos e agradecemos:

Bilhetes postaes illustrados de Angola — Coleção Tavares & C., de Benguela.
Comprende esta coleção vistas de Benguela, Catumbela, Lobito, Egito, etc., e uma variada co-

leção de tipos e costumes indigenas de toda a provincia de Angola muito curiosa. Estes bilhetes postaes são nitidas reproduções de fotografias, em cores de lindo efeito e que podemos classificar de primorosa, o que muito honra os editores, srs. Tavares & C., ativos e intelligentes commerciantes de Benguela.

Almanach dos Theatros para o anno de 1908 — Fundado por F. A. Mattos — João Romano Torres & C., editores — Lisboa.

Este interessante almanach publica varias conçonetas, monologos, poesias, etc. e os retratos das artistas irmans Suggias, Lucinda do Carmo, Augusta Cordeiro e dos actores Antonio Gomes e João Gil.

Kalendarios Illustrados — Varios são os que já temos recebido e de que iremos dando noticia, principian-do pelo da **Fabrica de Chocolate Iniguez** que é um lindo cromo representando um encantador bébé em seu automavel conduzindo os deliciosos produtos desta fabrica com a respectiva marca A. J. I em triangulo. Na parte inferior esquerda do kalendario vê-se uma plantação de cacoeiros donde uma africana vaee colhendo o precioso fruto.

É uma bem composta alegoria e de belo efeito artistico.

AVISO

Com este numero é distribuido gratis a todos os srs. assignantes, o frontespicio e indice do volume, assim como um suplemento brinde, representando um

PANORAMA DE LISBOA

VISTO DO CASTÉLO DE ALMADA

de 95 centimetros de comprimento. Este suplemento custa avulso 200 réis e com o numero 320 réis.

COUTO & VIANNA — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras



R. do Alecrim, 111, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

VENDE-SE EM TODA A PARTE

Bonbons e nougat da fabrica Iniguez

KILO 18500 RÉIS

Os bonbons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE--CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia
Pacote de 500 grammas, 600 réis



À melhor agua de mesa conhecida

AGUAS MINERAES DO MONTE BANZÃO - COLLARES
GAZOSAS LITHINADAS

Aprovado por Alvará Régio de 30 de Novembro de 1906

Deposito geral:

Rua dos Correios, 29, 2.º

LISBOA

CASA BANCARIA

José Henriques Totta

69, 75, Rua do Ouro, 69, 75

LISBOA

Almanach Illustrado do OCCIDENTE

PARA 1908

Está publicado este interessante annuario

que entra no seu 27.º anno de publicação registando os principaes acontecimentos do anno de 1907 e com uma linda capa, aguarella de Roque Gameiro

Preço 200 réis

Pedidos á EMPRESA DO OCCIDENTE

LISBOA



Suplemento ao n.º 1044 do «Occidente»

30 de Dezembro de 1907



1. Tapada e observatório da Ajuda — 2 e 3. Docas e Alcantara — 4. Quartel de Marinheiros — 5. Palacio das Necessidades — 6. Forte de Monsanto — 7. Cemiterio Occidental — 8. Oficinas de S. José — 9. Igreja de S. Francisco de Paula — 10. Quartel de Infantaria 2 — 11. Panquilha — 12. Palacio do Conde de Obidos — 13. Museu de Bellas Artes — 14. Terrenas — 15. Basilica do Coração de Jesus — 16. Igreja de Santos-o-Velho — 17. Jardim de Santos — 18. Igreja de Jesus — 19. Academia Real das Sciencias — 20. Igreja dos Paulistas — 21. Praça D. Luis — 22. Mercado 24 de Julho — 23. Igreja de S. Paulo — 24. Igreja de S. Roque — 25. Igreja das Chagas — 26. Praça Duque da Terceira — 27. Penha de França — 28. Arsenal de Marinha — 29. Praça do Comercio — 30. Monte — 31. Igreja da Graça — 32. Castelo de S. Jorge — 33. Sé — 34. S. Vicente de Fóra — 35. Santa Engracia — 36. Alfandega — 37. Casas de Santarem — 38. Fragata D. Fernando

Panorama de Lisboa visto do Castelo de Almada

(Fotografia do Sr. Alberto Lima)

